



## O EVOLUCIONISMO CRIADOR DE CHARDIN: ASPECTOS ANTROPOLÓGICOS

Luiz Alencar Libório<sup>1</sup>

### Resumo

Há poucos anos, celebrou-se o bicentenário do nascimento de Charles Darwin e ante a persistente celeuma existente, nos meios acadêmicos, entre o criacionismo e o evolucionismo, vistos como antagônicos pela cultura de então, como também, às vezes, em nossos dias, e também às vésperas do cinquentenário da abertura do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-2012), visa-se, com este artigo, fazer uma reflexão sobre os aspectos antropológicos do pensamento do jesuíta, Pierre Teilhard de Chardin, sacerdote, biólogo e paleontólogo que tenta colocar uma visão de síntese (evolucionismo criador) sobre a problemática. É claro que essa tentativa de quebrar paradigmas agrada a uns e desagrada a outros. No entanto, Chardin teve a grande ousadia de colocar algo novo e de ver Deus latejando em todo processo evolutivo. A matéria é um momento no Espírito e Deus é o Alfa, Meio e o Ômega, o Início, o Fim e o Meio (Canção *Gità* de Raul Seixas) de todo processo evolutivo, tendo o homem um lugar privilegiado nesse processo como protagonista da evolução: terceiro infinito, novidade absoluta, flecha da evolução em busca da plenitude: a amorização.

**Palavras-chave:** Cristianismo e modernidade. Evolucionismo. Criacionismo. Evolucionismo criador. Amorização.

### 1 INTRODUÇÃO

O cientista (paleontólogo-geólogo) e sacerdote (filósofo e teólogo) Teilhard de Chardin, embora não muito conhecido entre nós, foi um fenômeno que gerou tantos escritos sobre ele que tentou ser um diálogo entre Ciência e Religião (Fé).

De fato, de 1913 a 1977, segundo Gérard Baudry (*apud* ARNOULD, 1999, p.68), mais de 2.000 títulos foram escritos a respeito do jesuíta Teilhard de Chardin, elogiando-o e criticando-o.

---

<sup>1</sup> Professor/Pesquisador Adjunto I do Grupo de Pesquisa: Religiões, Sociedade e Cultura da UNICAP. Licenciado em Filosofia, Teologia e Psicologia. Especialização em Psicologia Cognitiva (UFPE), Metodologia do Ensino Superior (UNICAP) e Psicologia da Religião (UPS). Mestre e Doutor em Psicologia da Família (2001) pela Pontifícia Universidade Salesiana de Roma (UPS). É professor de Psicologia da Religião no Mestrado de Ciências da Religião da UNICAP, orientador de mestrandos e de alunos do PIBIC, ministrando aulas também na Graduação e no Bacharelado de Teologia da UNICAP e do ex-Instituto Teológico do Recife: *Sedes Sapientiae*. E-mail: [laliborio@terra.com.br](mailto:laliborio@terra.com.br)

Como acontece com todo desbravador, Teilhard atraiu atenções sobre si que, de modo positivo e negativo, o apoiaram ou o tentaram destruir, como acontece com a mudança de paradigmas (KUHN, 2002).

Mas por que Teilhard criou tanta celeuma, despertou tanta atenção da Igreja e do mundo científico no que se refere à concepção do homem e de sua existência sobre a face da Terra?

Esse artigo pretende fazer uma reflexão dos atributos do homem, surgido num salto qualitativo da evolução com o aparecer da consciência reflexa em sua caminhada existencial como Chardin os concebe em seu evolucionismo criador.

Mas antes observe sinteticamente quem foi esse Teilhard de Chardin? Este artigo se divide nas seguintes partes:

- a) Dados biográficos de Chardin;
- b) Evolucionismo criador: aspectos antropológicos.

## **2 DADOS BIOGRÁFICOS DE PIERRE TEILHARD DE CHARDIN**

Pierre Teilhard de Chardin nasceu, em 1º/05/1881. Era sacerdote jesuíta francês, filósofo, geólogo e paleontólogo, nascido em Sarcenat, feudo da família Teilhard de Chardin, ao sul de Clermont-Ferrand, na região de Auvergne (centro-sul da França) e falecido em Nova York (U.S. A), aos 10/04/1955.

Teilhard de Chardin era de família aristocrática e, influenciado pelo fervor religioso de sua mãe, se dedica à vida eclesiástica. Na escola (pensionato jesuíta de Mongré), é o aluno mais aplicado com grande interesse pela geologia.

Motivado pelo desejo do “mais perfeito”, entra no Noviciado jesuíta de Aix-en-Provence, com 18 anos (1899), e para o juvenato de Laval, em 1900, onde é estimulado pelos superiores a prosseguir com os estudos de Geologia.

Com a expulsão da Companhia de Jesus da França, em 1901, em consequência da lei Waldeck-Rousseau/Pierre (1846-1904: foi presidente do Conselho de 1899-1902, fez votar a lei contra as ordens religiosas, em 1901), Teilhard se exila na ilha de Jersey (Inglaterra), onde estuda Filosofia e Letras e começa seus Estudos de geologia. Em 1902, obtém a Licenciatura em Letras.

Em 1905, parte para o Egito, por ordem dos superiores, passando três anos a ensinar física e química no Colégio jesuíta da Sagrada Família do Cairo (Egito), retornando à Inglaterra onde continua os estudos de Geologia e fez Teologia (1908-1912), em Ore Place.

Em 1911, é ordenado sacerdote. Em 1912, retorna à França onde estudou Paleontologia. Forma-se junto a Marcellin Boule, professor de Paleontologia, no Museu Nacional de História Natural de Paris. Participa de uma “memorável” excursão (1913) às cavernas com pinturas pré-históricas, no Noroeste da Espanha (particularmente à de Altamira) e descobre a fraternidade internacional que reina na comunidade científica (ARNOULD, 1999, p.42-43).

As obras científicas do Pe. Teilhard de Chardin provocaram enormes controvérsias, tentando conciliar Ciência e Fé.

Chardin, durante a I Guerra Mundial, trabalha como enfermeiro, tentando descobrir o segredo das coisas em harmonia com uma visão espiritual do universo.

Nesse sentido, não aceita o conceito de “entropia” (quantidade de energia ou calor que se perde num sistema físico ou termodinâmico, quando ocorrem mudanças de um estado a outro, com tendência ao estado de inércia e degradação), criado por Clausius, em 1865, e que significa “voltar sobre si mesmo”.

Para Teilhard, a degradação da energia física age a favor da energia espiritual e favorece a espiritualização do cosmo.

Sua concepção de vida leva-o à experiência do amor, que considera inevitável para quem, desde a infância, andara à procura do coração da matéria.

Aos 22 de março de 1922, doutora-se em Ciências, na Sorbonne, com o trabalho: “Os mamíferos do eoceno inferior francês e seus sítios” e ocupa a cadeira de Geologia, no Instituto Católico de Paris.

A capital francesa oferecia a Teilhard de Chardin uma irradiação espiritual, científica e filosófica de primeira ordem; nela, ele encontrou Maurice Blondel, Édouard Leroy e Léontine Zanta, amigos que lhe permitiram abrir seus pensamentos, como ele mesmo reconheceu. Teilhard de Chardin dirigia-se a auditórios de jovens leigos, de seminaristas e de professores.

Cheio de esperança na Igreja, escreveu sua “Nota sobre algumas representações históricas possíveis do pecado original” (em 15/04/1922: publicada

no tomo X de suas Obras), reagindo logo o Santo Ofício, acusando-o de negar o dogma do pecado original (primeiro elemento de seu dossiê romano).

Esse é o primeiro “sintoma” de um novo paradigma nesse campo por parte do “padre-pesquisador” jesuíta (KUHN, 2002). Para Chardin, era difícil inserir a representação histórica do pecado original em sua visão científica. Isso o leva a assinar um texto que exprimia esse dogma em termos ortodoxos, tendo de abandonar o ensino no Instituto Católico de Paris e ir para a China, embarcando, no dia 26 de abril de 1926 e chegando a Tien-tsin, aos 10 de junho, onde fez pesquisas no deserto do Ordos. Aqui começa o “tempo de silêncio” que dura 20 anos (1926-1946) (ARNOULD, 1999, p.49-50).

Em 1929, participa na descoberta do sinantropo (*Sinanthropus pekinensis*), em Chou-k’ou-tien, passando a preocupar-se com a origem do homem.

Sempre sob pressão e oposição de seus superiores, realiza numerosas viagens e expedições, ao mesmo tempo em que escreve os seus livros que antes de sua morte circulavam como exemplares mimeografados, publicados como livros somente após a sua morte.

Em 1931, viaja durante um ano, em expedição, no Turquestão chinês. Em 1933, participa de um Congresso de Geologia, em Washington. Em 1939, participa de novas expedições na China, na Índia, Java e Birmânia.

Vai a Roma, em 1946, solicitar licença para lecionar e publicar os seus tratados, sem o conseguir. Em 1951, é nomeado membro da Academia de Ciências da França. Aos 10 de Abril de 1955, morre em Nova York.

### **3 EVOLUCIONISMO CRIADOR: ASPECTOS ANTROPOLÓGICOS**

Esta parte se divide essencialmente em dois temas fundamentais:

- a) Embasamento teórico da evolução e
- b) Atributos do homem em Chardin.

### 3.1 Breve embasamento teórico da evolução

Para Chardin, a evolução das espécies é um fato como Lamarck e Darwin a conceberam.

João de Lamarck (1744-1829), em seu livro **Filosofia Zoológica**, publicado em 1809, tentou explicar a evolução recorrendo a duas causas:

- a) adaptação ao ambiente e
- b) certa tendência intrínseca à natureza para evoluir.

Dessas duas causas, a posteridade esqueceu a segunda e só guardou a primeira, que, aliás, não teve muito êxito, revelando-se aos poucos insustentável.

Charles Darwin (1809-1882), cinquenta anos depois, em sua famosa obra **Sobre a origem das espécies**, publicada, em 1859, recorreu a explicações da evolução de ordem mais extrínseca: a) A seleção natural e b) A luta pela existência.

A explicação de Darwin encontrou fanáticos adeptos. Entre eles os marxistas, que viam nas teorias de Darwin uma confirmação científica de sua dialética da natureza. Mas encontrou também poderosos adversários, como os célebres cientistas Claude Bernard, Pasteur, De Quatrefages e outros.

De fato, são três as concepções do “sentido da evolução”, a saber.

Pode-se reduzir a três as respostas dos filósofos e cientistas no tocante ao problema do sentido da evolução:

- a) A evolução não tem nenhum sentido. Ela é efeito do puro acaso (Jacques Monod).
- b) A evolução tem um sentido, mas puramente imanente e terrestre, explicado pelas leis dialéticas da natureza (A. Oparin).
- c) A evolução tem um sentido, ao mesmo tempo imanente e transcendente, terrestre e ultraterrestre (Teilhard de Chardin).

As datas aproximadas do processo evolutivo da vida e do homem estão assim expostas por Chardin em seu livro “O Fenômeno Humano” (1965).

Quadro 1: Processo evolutivo da vida e do homem

DATAS EM ANOS	ANIMAIS	VEGETAIS
?	Homem	
1 milhão	Primatas	
100 milhões	Pássaros+ Mamíferos	Angiospermas
200 milhões	Répteis	
300 milhões	Anfíbios	Gimnospermas
400 milhões	Peixes	Criptógamas
900 milhões	Invertebrados?	
1 bilhão		Bactérias e algas azuis
2 bilhões	Vitalização	
5 bilhões	Formação da Terra	
15 bilhões	Origem do Universo	

Fonte: Chardin (1965).

Veja como foi longa e sinuosa a viagem do homem no tempo-espaço rumo à perfeição que é Deus, sendo o seu ser matizado por tantos atributos.

### 3.2 Atributos do homem em Chardin

Entre tantos atributos que Chardin dá ao homem, no processo evolutivo, estudar-se-ão somente os seguintes como protagonista da evolução:

- a) terceiro infinito;
- b) novidade absoluta;
- c) flecha (portador) da evolução.

#### 3.2.1 O homem como protagonista da evolução: terceiro infinito

Uma consequência da lei da “complexificação-consciência” é o **primado do homem**. Porque se é verdade que o universo é um sistema orgânico e dinâmico em via de interiorização psíquica, e a evolução, uma marcha em direção ao espírito,

segue-se que o sentido geral da evolução é o espírito, e concretamente o homem, em que se realiza a mais alta encarnação do espírito.

Eis por que Teilhard repete, a cada momento, em sua linguagem poética, que o homem representa o **eixo e a flecha da evolução**; que, longe de constituir um acidente fortuito da evolução, é, pelo contrário, o termo, o fim para o qual a evolução caminhou até agora. É ao longo dessa flecha e desse eixo que ela, durante bilhões de anos, subiu, lenta, mas decididamente, até finalmente chegar a ele, triunfando de todos os impedimentos e de todos os obstáculos.

Por isso, o homem (e estou usando o rico vocabulário teilhardiano) se constitui chave, cabeça, pináculo do universo, frente avançada da vida, desfecho da cosmogênese, coroa e acabamento de tudo aquilo que o mundo material e animal na sua totalidade trouxeram consigo durante milhões de anos de existência.

E porque eixo e flecha da evolução, o homem revela-se também como o **terceiro infinito**.

Num ensaio de 1942, Teilhard, introduz-se com uma ligeira visão histórica sobre a posição do homem no universo (CHARDIN, 1955, p.305).

Até o século XVI, ninguém pensava em pôr em dúvida que o homem fosse o centro do universo. O homem, centro geométrico e centro de dignidade de um universo formado por esferas concêntricas em volta da terra. Parecia que não se poderia pensar diversamente.

Mas aconteceu que, como consequência duma série de descobertas científicas, às quais estão ligados os nomes de Galileu e Darwin, tal antropocentrismo um pouco ingênuo afundou-se totalmente no curso do século XIX.

Em pouco tempo o homem se viu reduzido a nada, num universo onde a própria terra se tornava um grão de poeira insignificante numa nuvem de astros.

Eis, porém, que, de algum tempo para cá, o homem parte de novo para a conquista do primado, não já o antigo - de centro estático do universo - mas novo: de cume, de termo da evolução.

A ciência já estabeleceu suficientemente - apesar de não lhes ter ainda alcançado os limites - dois infinitos: o infinitamente grande, imenso, o macrocosmo das estrelas e das galáxias, e o infinitamente pequeno, minúsculo: o microcosmo dos átomos e seus componentes.

Diante dessas grandezas inimagináveis, dessas profundezas insondáveis, o homem experimenta vertigem e angústia, sente-se como que absorvido, aniquilado.

Verdadeiramente, que é o homem, senão um grão de areia, uma gota de orvalho, uma pobre, minúscula folha entre milhares de outras crescendo na árvore da vida?

Mas Teilhard não se conforma com essa visão deprimente. Fundamentado na curva de complexificação, ele descobre que o homem - se é verdade que é uma quantidade insignificante diante das imensidades do universo - representa um infinito em complexidade, o terceiro infinito, o infinito que eu chamaria de centro-cósmico em oposição ao infinito macrocósmico e microcósmico.

Com efeito, se se observar atentamente a curva de complexificação, descobre-se que o homem revela em complexidade os mesmos valores numéricos que o universo apresenta em extensão espacial; quer dizer: o grau de complexificação do homem se expressa por algarismos iguais ao grau de extensão das galáxias.

Abismo, o imensamente grande, abismo, o imensamente pequeno, mas abismo também o imensamente complexo.

O universo estende seus limites ao infinito, não só em dois, mas em três sentidos.

Infinito em complexidade, o homem é também infinito em consciência, dado que, como já foi explicado, complexidade e consciência se correspondem perfeitamente. Sendo o homem o mais altamente complexo, é, ao mesmo tempo, o mais profundamente interiorizado.

Já Santo Tomás, há muitos séculos, não duvidara em afirmar que o homem é, em certo sentido, infinito pela sua consciência, porque, por ela, pode e tende a conhecer todas as coisas, incluso o seu próprio eu e o infinito. O que Pascal exprimia com sua habitual eficácia: "Pelo espaço, o universo me compreende e engole: pelo pensamento eu o compreendo".

### 3.2.2 O homem: novidade absoluta

Tudo certo, dirão muitos; mas se é assim, para onde vai **a originalidade do homem**, sua espiritualidade, sua criação por parte de Deus? Porque, na teoria



teilhardiana, como acaba de ser apresentada, o homem constitui-se como o ponto mais alto dum processo, mas dum processo que tem suas raízes na matéria; e a insinuação feita de que talvez a matéria seja, em última análise, redutível a espírito, não pode ainda ser considerada uma hipótese solidamente estabelecida?

Que diferença, portanto, entre a doutrina de Teilhard e a dos materialistas, para os quais também o homem representa o máximo grau de organização e perfeição da matéria?

A objeção não é nada arbitrária, e nada fácil a resposta. Mas temos confiança em mostrar que a posição de Teilhard não é materialista. E isso independentemente da hipótese de que o tecido do universo seja de natureza fundamentalmente espiritual. Para tanto, precisa-se começar pelo conceito que Teilhard tem de evolução.

A evolução, dizia-se, caminha para formas cada vez mais complexas e conscientizadas. Pensa-se habitualmente na evolução como um processo lento, gradual, contínuo; em contexto político e social, costuma-se opô-lo à revolução.

Mas a evolução teilhardiana é também revolucionária. Em dois momentos do processo: na passagem do inanimado à vida e na passagem da vida animal à consciência do homem.

O aparecimento da vida sobre a terra, o passo da vida, diz Teilhard, só é explicável por um salto, uma descontinuidade, uma crise de primeira grandeza no processo ascensional da evolução.

Algo de inteiramente novo, de extraordinário, de inesperado aconteceu sobre a terra, quando apareceram nela as primeiras células. Um hiato de imensa distância se abriu entre o passado e o presente, uma mudança profunda se operou no tecido do universo. A vida vem por evolução da matéria, mas não é explicável pela matéria.

O mesmo ensina-o Teilhard, quando do aparecimento do homem.

A mudança de estado biológico que leva ao despertar do pensamento não corresponde simplesmente a um ponto crítico atravessado pelo indivíduo, ou mesmo pela espécie. Mais vasta do que isso, ela afeta a própria vida na sua totalidade orgânica, e, por conseguinte assinala uma transformação que afeta o estado do planeta inteiro (CHARDIN, 1965, p.189).

É a este grande processo de sublimação que convém aplicar, em toda a sua força, o termo **Hominização**. Hominização que é, antes de tudo, se se prefere, o

salto individual, instantâneo, do instinto para o pensamento. Mas **hominização** que é também, num sentido mais lato, a espiritualização filética, progressiva, na civilização humana, de todas as forças contidas na animalidade (CHARDIN, 1965, p.188).

Portanto, o fenômeno humano, também para Teilhard, evolucionista convicto, é um fenômeno inteiramente novo, original. Que importa que o homem derive, por evolução, do animal?

Ele não nasce senão por uma profunda transformação de tudo aquilo que o precede e prepara e apresenta características inteiramente novas.

Evolui da matéria, mas não é explicável pela matéria. Em Teilhard, essa posição é central, e as citações poderiam ser levadas ao infinito. Citam-se algumas alíneas do Pe. Smulders (1965), em que ele se esforça por dar um resumo dos textos de Teilhard a este respeito:

As diferenças anatômicas entre os outros primatas e o homem podem ser relativamente pequenas, a própria vida psíquica do homem pode revelar traços de parentesco com o mundo animal, e, no entanto, entre o conjunto da vida animal e o homem existe uma diferença profunda, tão objetivamente verificável, quanto as semelhanças anatômicas, fisiológicas ou psicológicas. Esta diferença determinou uma forma de vida radicalmente nova. [O autor ainda acrescenta] O homem, entre os primatas, não é só o primeiro entre seus semelhantes. É fundamentalmente errado querer reconhecer entre os macacos e os homens apenas uma diferença de grau, não uma diferença de natureza (SMULDERS, 1965, p.77).

Por mais íntima que seja a ligação entre o homem e as formas inferiores da vida, por mais clara e importante que seja a continuidade entre a vida animal e a vida humana, a consideração objetiva do fenômeno humano deve reconhecer uma "descontinuidade maior", uma "ruptura", outra forma de vida, "uma fase absolutamente nova".

Com a origem do homem, a corrente da vida passa por um ponto crítico, atinge um nível diferente. A vida humana é, ao mesmo tempo, um prolongamento da vida animal e heterogênea.

Teilhard chega a dizer que o aparecimento da reflexão no homem constitui em certo sentido uma mudança de zero ao todo sem intermediário. O aparecimento do homem liberou uma nova força de vida na terra.

É um salto prodigioso, que deve valer na história da terra como “um acontecimento evolutivo de primeira grandeza”: “uma passagem tão profunda e radicalmente nova, que só o primeiro início da vida pode ser comparado com ele”. “É um novo mundo interior, o mundo do universal *pensado*, que se abre.”

### 3.2.3 O homem: portador (flecha) da evolução

Como se tudo isso não bastasse, o homem assume em Teilhard uma nova e importante prerrogativa: a de tornar-se o portador da evolução. Eixo e flecha da evolução, o homem não constitui a meta final, mas uma simples etapa da mesma.

Chegada ao homem, a evolução não para, mas sofre uma mudança profunda: não caminha mais para o homem, encarna-se nele: o próprio homem torna-se evolução.

Com isso ele toma nas mãos as alavancas de comando e dirige os novos destinos da evolução, que de condutora se torna conduzida, de cega e determinada, torna-se consciente e voluntária.

O homem é atualmente o portador da evolução, da força cósmica que desde milhões de anos move o mundo para formas sempre superiores de ser, de vida, de consciência.

É o portador da energia criadora de Deus: no fundo da sua alma, ele pode escutar o eco do *Fiat* original. Ele é chamado a realizar essa potência criadora que leva consigo: tornar-se não apenas instrumento, mas prolongamento vivo do poder criador de Deus: construir com Deus este mundo em evolução: colaborar com ele no seu acabamento.

Resumindo: segundo Teilhard, o homem leva no cosmo um tríptico primado:

- a) **De finalidade**, pelo fato de constituir-se “eixo e flecha da evolução”;
- b) **De perfeição**, sendo o “produto mais complexo” e, portanto, o “mais conscientizado da evolução”;
- c) **De ação e de iniciativa**, tendo em suas mãos a “evolução” em marcha progressiva.

Não conhecemos filósofo ou cientista que tenha atribuído ao homem um lugar tão alto e um papel tão nobre e importante como os que lhe atribui Teilhard.

O humanismo teilhardiano supera de muito o humanismo marxista, nem é comparável com o humanismo existencialista, se é que se pode falar de humanismo existencialista.

Substancialmente é o humanismo cristão, mas com perspectivas profundamente inovadoras de matiz teilhardiano, concebendo Deus como Alfa, Meio e Ômega de todo processo evolutivo, tendo o homem sido plasmado por Seu amor através de uma longa e sinuosa evolução das espécies: o que é muito mais nobre para Deus como criador!

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Teilhard tem o imenso mérito de haver colocado os verdadeiros problemas sobre os quais os homens de hoje se interrogam; de ter indicado e usado o método de abordagem, que parece o único apto - contanto que devidamente aplicado e complementado pela reflexão filosófica e teológica; de ter proposto algumas conclusões que, embora imperfeitas, são insolitamente estimulantes e provocadoras do pensamento científico, duma parte; filosófico (antropológico) e teológico, de outra.

Teilhard também fez sentir que ambos cochilavam, tranquilamente e demais, sobre a almofada, um dos postulados materialistas, outro dos dogmatismos petrificados. Se errou, "que outros procurem fazer melhor".

Da nossa parte, já se tem afirmado, em várias oportunidades, que a obra de Teilhard não é para ser totalmente aceita ou totalmente recusada, mas sim, para ser estudada e explorada no que contém de positivo (e é talvez muito mais do que se pensa).

Ela deve ser corrigida no que apresenta de erros (poucos, para quem se aproxima dela honestamente) e, sobretudo, completada em suas lacunas, algumas graves (para quem tenha capacidade para tanto)!

Chardin deve ser lido e estudado sem preconceitos e sem fanatismos e, somente assim, ao nosso modo de ver, aparecerá às gerações de amanhã como um grande mestre espiritual da Nova Idade (DALLE NOGARE, 1973, p.191-217). Mas o debate continua!

## CHARDIN'S THEOLOGY OF EVOLUTION: ANTHROPOLOGICAL ASPECTS

### Abstract

Some years ago it was celebrated the bicentennial of Charles Darwin's birth and before the persistent existent noise, in the academic means, between creationism and evolutionism, seen as antagonistic for that culture, as well as, sometimes, for our days, and also on the eve of the fiftieth anniversary of the opening of the Second Vatican Council (1962-2012) it is sought, with that article, to do a reflection on the anthropological Jesuit's thought, Pierre Teilhard of Chardin, priest, biologist and paleontologist that tries to put a synthesis vision (creative evolutionism) on the problem. Of course this attempt of breaking paradigms pleases some people and it displeases other ones. However, Chardin had the great daring of putting something new and of seeing God throbbing in whole evolutionary process. The matter is a moment in the Spirit and God is the Alpha, Half and Omega or Begin, End and Middle (Song *Gità* of Raul Seixas) of whole evolutionary process, having the man a privileged place in this process as protagonist of the evolution: third infinity, absolute novelty, arrow of the evolution searching the plenitude: full love.

**Key-words:** Christianity and modernity. Evolutionism. Creationism. Creative evolutionism. Full love.

### REFERÊNCIAS

ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e Cia: a Igreja e a evolução.** São Paulo: Paulus, 1999.

BÍBLIA de Jerusalém. **Antigo e Novo Testamento.** São Paulo: Paulinas, 1995.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Várias Editoras, 1993.

CHARDIN T. de. In: ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL, Vol. XIX. São Paulo - Rio de Janeiro, 1986, p. 10.802-10.803.

CHARDIN, T. de. **O fenômeno humano.** São Paulo: Herder, 1965.

\_\_\_\_\_. Oeuvres, São Paulo: Herder, 1955.

DALLE NOGARE, Pedro. **Humanismo e anti-humanismos em conflito.** 1. ed. São Paulo: HERDER, 1973.

KUHN. Thomas. **A estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Perspectiva, 2002.

SMULDERS, P. **A visão de Teilhard de Chardin**. Petrópolis: Vozes, 1965.